



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17328 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 04 - Didática

RELAÇÕES ENTRE A DIDÁTICA CRÍTICA INTERCULTURAL/DECOLONIAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ana Paula da Silva Santos - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

RELAÇÕES ENTRE A DIDÁTICA CRÍTICA INTERCULTURAL/DECOLONIAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As questões das diferenças vem sendo incorporadas como um espaço importante de debate na agenda de eventos, congressos, produções acadêmicas, políticas públicas e, especialmente, materializadas no cotidiano escolar. Embora tais questões assumam este lugar de destaque, é frequente que professores e professoras expressem dificuldades em lidar com as diferenças culturais de gênero, raça, orientação sexual, classe, religião, local de moradia, deficiência, entre outras.

Sendo assim, este ensaio objetiva discutir as relações entre a Didática Crítica Intercultural/Decolonial e a Educação Física, apontando as potencialidades para a problematização das diferenças no espaço escolar

A partir dos anos de 1980, com o período da redemocratização política, vivemos um processo de afirmação da democracia brasileira e conseqüente influência nos âmbitos social, econômico, político, cultural e educacional. Candau (2023) ressalta que nesse momento, surge um grande movimento de atualização da Didática na intenção de superar os modelos tecnicista e instrumental, tão marcantes para esse campo.

Deste modo, emerge uma perspectiva denominada de *Didática Fundamental* proposta pela professora Vera Maria Candau em 1982 por ocasião da realização do Seminário *A Didática em questão*, promovido pelo Departamento de Educação da PUC/RJ com o apoio do CNPQ.

A perspectiva da Didática Fundamental defende a necessidade de uma visão mais abrangente do processo ensino-aprendizagem, compreendendo que as dimensões política, técnica e humana da prática pedagógica devem apresentar uma profunda relação, comprometidas com a transformação social (Candau, 1983).

Neste mesmo período, a Educação Física começa a colocar em xeque os pressupostos do ensino tradicional e questionar os arranjos sociais e educacionais. Bracht (1999) afirma que a Educação Física absorveu todas as discussões propostas pela Pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as formas de sua contribuição para uma transformação completa da sociedade capitalista.

Dentro deste contexto, a Educação Física inicia um importante deslocamento epistemológico onde, o corpo visto a partir de um viés biológico, passa a ser analisado a partir de um viés sociocultural o que implica em uma potente relação com as ciências humanas.

Tal deslocamento começa a impactar a sistematização e organização das aulas, onde o modelo tecnicista/esportivista não mais se alinhava a uma perspectiva progressista da Educação Física. E, neste momento, algumas questões começam a emergir no campo: o que ensinar? Como ensinar? Para que ensinar?

Para Caparroz e Bratch (2007), o cientificismo presente na Educação Física nos anos de 1970 provocou uma secundarização da discussão pedagógica e, paralelamente, aprofundou a dissociação entre esta e a Didática, compreendida como “prática”. Contra esse movimento de despolitização do debate educacional, o pensamento progressista no campo, já nos anos de 1990, passa a se preocupar com a intervenção, objetivando modificar as práticas pedagógicas, superando uma simples denúncia contra os modelos já existentes.

Deste modo, Caparroz e Bratch (2007) reconhecem um movimento de retorno ao debate das questões didáticas: “É nesse contexto que talvez pudéssemos falar de um retorno à didática, ou melhor, de um deslocamento das questões didáticas novamente para o centro do debate pedagógico (agora crítico) ou, ainda, de uma (re)significação da didática no campo da Educação Física.” (Caparroz; Bratch, 2007, p. 26).

Para Candau (2023) a temática das diferenças esteve presente no debate educacional, particularmente a partir do século XX, predominando a perspectiva da psicologia que priorizava, por exemplo, a diversificação dos processos ensino-aprendizagem a partir das especificidades dos sujeitos, reconhecendo os diversos modos e ritmos de aprendizagem, distintas personalidades e habilidades cognitivas.

Somente a partir das reivindicações dos movimentos sociais e suas lutas, nos anos de 1990, houve a exigência de uma educação mais plural que questionasse preconceitos e discriminações e fosse coerente com a construção de uma sociedade democrática, igualitária e inclusiva.

No campo da Educação Física, Oliveira e Daolio (2011) ressaltam que a ideia da diferença se relacionava muito mais às diferenças biológicas entre meninos e meninas, explicadas pela ação de hormônios, por exemplo. Os autores citados acrescentam que, ao entrar em cena a discussão da cultura no campo da Educação Física, especialmente nos anos de 1990, não houve mais como negar a existência das diferenças.

Logo, reconhecemos a potente relação entre a Didática e as perspectivas intercultural crítica e Decolonialidade, tanto para a educação de uma forma geral, quanto para o ensino da Educação Física na escola.

Neste aspecto, a interculturalidade crítica (Candau, 2023; Walsh, 2009) busca o questionamento das diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre os diferentes grupos culturais. Torna-se imprescindível para tal perspectiva a construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutiva da democracia e que sejam capazes de construir relações igualitárias entre os diferentes grupos o que implica no empoderamento daqueles que foram historicamente excluídos.

Já a perspectiva da Decolonialidade, oportuniza radicalizar a proposta da educação intercultural crítica, pois “exige que nos situemos a partir dos sujeitos inferiorizados e subalternizados, que são negados pelos processos de modernidade-colonialidade hegemônicos, mas registem e constroem práticas e conhecimentos insurgentes numa perspectiva contra-hegemônica” (Candau, 2023, p. 10).

Assim, partimos da ideia de que a Educação Física, sustentada numa perspectiva da didática intercultural e Decolonial, possibilita o entendimento da escola enquanto espaço de crítica e questionamento dos conhecimento e saberes que circulam no espaço nas aulas, desafiando a supremacia dos esportes coletivos enquanto conteúdo hegemônico, por exemplo, assim como a inferiorização de práticas corporais advindas dos grupos culturais subjugados como a capoeira, o funk, o maculelê, o samba, o jongo entre outras.

Em síntese, defendemos neste estudo que as práticas da Educação Física devem estar em consonância com as realidades dos/as/es estudantes, articuladas com a proposta pedagógica da escola, levando em conta os temas da cultura corporal: as ginásticas, os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as brincadeiras e jogos entre outros. Dito isto, é importante que a Educação Física possibilite condições para que as práticas corporais sejam vivenciadas e interpretadas à luz da perspectiva das diferenças culturais, onde as culturas dos diversos grupos possam ser valorizadas e entendidas dentro um processo de fortes relações de poder.

Palavras-chave: Interculturalidade crítica; Decolonialidade; Educação Física Escolar.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física.

Cadernos CEDES, ano 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

CANDAU, Vera Maria. *A didática em questão*. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

CANDAU, Vera Maria. Didática Crítica Intercultural e Decolonial: uma perspectiva em construção. In: LONGAREZI, A.; GARRIDO, S.; PUENTES, R. *Didática Crítica no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2023.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Varter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 14, n.2, p. 1-11, mai/ago. 2011.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, Re-existir e Reviver. In: CANDAU, V. M. (Org). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. cap. 1, p. 12-42.